

HART, George. *Mitos Egípcios*. São Paulo: Editora Moraes, Tradução de Geraldo Costa Filho, 1992, 80p., 28 il. (Col. "O Passado Lendário"). Tradução de Geraldo Costa Filho.

Uma das mais antigas e variadas literaturas do mundo, a egípcia é também a menos conhecida; a possibilidade de se compreender a língua egípcia a partir de 1836, quando os resultados das pesquisas de Champollion foram divulgadas, fez com que pudéssemos julgar a diversidade e o interesse que apresentavam os mitos egípcios. O que encontramos nestes textos é uma riqueza maior em símbolos do que propriamente em mitos, principalmente quando comparada com as mitologias grega e romana.

O autor desta obra, George Hart, é professor de Arte e Arqueologia na Universidade de Londres, professor de hieróglifos egípcios e membro do Dept^o. de Antiguidades Egípcias no Museu Britânico, onde atua também como conferencista do Serviço Educativo. É autor também do excelente *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses* (Londres: RKP, 1986).

A obra em questão trata dos mitos e das lendas egípcias segundo uma fórmula estabelecida desde os primeiros trabalhos sobre o assunto (Narille, Maspero, M. Moret, Gardiner etc.), ou seja, apresenta os mitos segundo uma ordem temática, puramente aleatória do ponto de vista do conjunto dos textos literários egípcios: cosmogonias, a vida dos deuses na terra, a destruição da humanidade, o mundo inferior e os contos populares: uma fórmula aplicada muitas vezes por facilitar a leitura e o manuseio do livro.

Podemos dividir o conjunto dos textos expostos em dois grupos: o primeiro, mais extenso e melhor conhecido por possuir um maior número de cópias,

é o que se refere aos deuses e à literatura sagrada. Nele os deuses são os guias dos homens e dos reis, formadores do destino, criadores do universo e senhores do tempo. Estes mitos explicam o nascimento do mundo através de sistemas cosmogônicos diversos; contam as aventuras das divindades responsáveis pela ordem e manutenção do universo criado. Senhores do tempo sem limite, os deuses inspiraram os grandes rituais funerários que asseguravam a vida após a morte. Trata-se de uma literatura propriamente religiosa que foi sem dúvida a mais abundante em todos os períodos.

O segundo grupo é formado pelas lendas e romances, frutos da imaginação e da sensibilidade dos egípcios, apreciadores de textos requintados e famosos por seu gosto em contar histórias. Este gênero propriamente literário desenvolveu-se até o final da história egípcia. Contos folclóricos, romances de aventura, epopéias e contos míticos envolvem os destinos dos homens, dos reis e dos deuses.

Cada capítulo inicia-se com uma breve introdução sobre o tema abordado, assim como cada mito é precedido por uma explicação quanto à(s) sua(s) origem(s), a apresentação dos personagens envolvidos, o contexto histórico em que foi criado e o local dos acontecimentos.

As ilustrações são poucas mas bem escolhidas e apropriadamente inseridas como um leve apoio ao texto. Um único ponto exigiria um maior auxílio das ilustrações, quando o autor trata da jornada do deus-sol pelo mundo inferior (o "livro do Am-Duat", o "livro das Cavernas" e o "livro dos Portões") onde a riqueza das cenas descritas (horas da noite) podem conduzir o leitor, não familiarizado com o assunto, a uma certa confusão; a solução encontrada foi a de introduzir tabelas explicativas ao longo de alguns destes mitos. Deve-se ainda destacar, pelo seu valor didático,

o quadro comparativo da teogonia Heliopolitana (p. 15), mais completa do que o normalmente apresentado em publicações semelhantes.

De todas as lendas abordadas no livro, a que merecia um tratamento mais detalhado é a da princesa de Bakhtan (p. 68), apresentado de forma bastante reduzida se comparada com a lenda da conquista de Joppa pelo comandante Djeheuty (p. 65).

É de se lamentar, no entanto, o descuido com que o livro foi traduzido e revisado. A edição brasileira reproduz fielmente o trabalho de capa e as ilustrações da edição anglo-americana (British Museum Publications/University of Texas Press), embora algumas falhas chamem a atenção como, por exemplo, o mapa (p. 6) e o fato de os créditos fotográficos (p. 80) não terem sido traduzidos.

Descuidos de formatação do texto resultaram em erros de ortografia bem como erros nos nomes contidos na tabela da página 55.

Contudo é na tradução que se apresentam os mais numerosos e graves de todos os erros, frutos talvez de um trabalho apressado e descuidado. Como exemplo podemos citar: "Pyramid Texts" (Textos das Pirâmides) foi traduzido por Livro das Pirâmides (p. 12 e seguintes), "game of draughts" (jogo de damas) foi traduzido por Consumo de Bebidas (p. 40). Escolhas mal-feitas no uso de certas palavras esvaziaram simbolicamente a força do texto, como no caso de "Flesh of Re" (a Carne de Rê) que foi traduzido como a Matéria de Ra. O total desconhecimento do tema fica evidente na tradução dos nomes dos faraós, dos deuses e dos períodos históricos que transformou Ramesseum e Ramesside no curioso termo Ramessiânico (p. 39 e 66); e a falta de conhecimento da abreviação AD (*anno domini*), a qual substitui por d.C. (p. 25).

Não bastasse estes descuidos, observações feitas ao texto e não discrimi-

nadas como sendo notas do tradutor, levam o leitor a questões absolutamente irrelevantes, como a tentativa de explicar uma diferença entre Áton e Aton (p. 13) ou a explicação supérflua sobre o ocre (p. 49).

Apesar de todos os problemas de tradução e revisão o livro possui qualidades inegáveis; como a atualidade das informações apresentadas, as explicações introdutórias ao texto, a compilação dos mais importantes textos funerários publicados pela primeira vez no país e as sugestões para leituras complementares.

Não é, a rigor, destinado a especialistas no assunto, pois não é exigido do leitor nenhum conhecimento prévio para compreendê-lo. A sua maior virtude é a de trazer ao leitor brasileiro uma obra atualizada e repleta de informações não disponíveis em língua portuguesa sobre um tema de grande interesse tanto para meios universitários quanto para o leitor comum.

ANTONIO BRANCAGLION JUNIOR
Pós-graduação de
Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

TREUIL, R. et alii. *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*. Paris, Presses Universitaires de France, 1989, 633 p. (Nouvelle Clio, 1 ter).

Temos aqui um trabalho de fôlego realizado por um grupo multidisciplinar de pesquisadores ligados à École Française d'Athènes, que produziu um trabalho que sintetiza todo o conhecimento